

REVISTA
PORTUGUESA
DE EDUCAÇÃO
MUSICAL

JAN/DEZ | N.º146

2020



associação portuguesa de educação musical



Propriedade e Administração

apem associação portuguesa de educação musical • Instituição de Utilidade Pública • Afiliada da ISME
– International Society for Music Education • Praça António Baião, n.º 5 B – Loja, 1500-712 Lisboa. Telefone
217780629 • www.apem.org.pt • info@apem.org.pt

Direção da APEM

Manuela Encarnação, Carlos Batalha, Lina Trindade Santos, Nuno Bettencourt Mendes, Rita Maia Silva.

Diretor

Eduardo Lopes, Universidade de Évora.

Conselho Redatorial

Eduardo Lopes, Universidade de Évora.

Manuela Encarnação, presidente da Direção da APEM, Agrupamento Vertical Almeida Garrett.

Conselho Científico

Clarissa Foletto, INET-md, Universidade de Aveiro, Portugal.

Filipe Lopes, Universidade de Aveiro, Portugal.

Gilvano Dalagna, INET-md, Universidade de Aveiro, Portugal.

Graça Boal-Palheiros, CIPEM/INET-md, Escola Superior de Educação, Politécnico do Porto.

Graça Mota, CIPEM/INET-md, Escola Superior de Educação, Politécnico do Porto.

João Cristiano Cunha, INET-md, Escola Superior de Educação, Politécnico de Bragança.

João Nogueira, Universidade Nova de Lisboa, Portugal.

Maria Cecília Jorquera, Universidade de Sevilha, Espanha.

Maria José Artiaga, Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Lisboa, Portugal.

Nuno Bettencourt Mendes, Investigador em Música na Universidade de Londres; Conselheiro na Fundação D. Luís I.

Paulo Esteireiro, CESEM, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.

Paulo Gaspar, Escola Superior de Música de Lisboa.

Sara Carvalho, Universidade de Aveiro, Portugal.

Sérgio Figueiredo, Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil.

Teresa Mateiro, Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil.

Impressão MINHOGRÁFE. Artes Gráficas, Lda. – Braga

Tiragem 500 exemplares Periodicidade anual Preço gratuito para os sócios da APEM

Preço por número 20,00 €

Editorial 5*Eduardo Lopes**Artigos* 7

As Bandas de Música Cívica em atividade no final do primeiro vinténio do século XXI

José Cidade 7Se eu fosse professor de Educação Musical da minha turma?
Um estudo de caso baseado na voz de alunos portugueses*João C. R. Cunha* 16

O “Cantar Mais” visto pelos seus utilizadores

João Nogueira 22Avaliar o desenvolvimento da voz cantada de crianças:
As perspetivas de Graham Welch e Joanne Rutkowski*Ana Isabel Pereira*
Helena Rodrigues 39

As Bachianas Sertanejas e a relação da obra com o ouvinte

Ana Judite de Oliveira Medeiros 51Tensões e contradições entre herança cultural e desempenho académico
sem um curso de Licenciatura em Música no Brasil*Francieli Fernanda Moreira*
Silvia Cordeiro Nassif 63

GMC - Grupo de Música Contemporânea:

uma atividade fundamental no panorama do ensino atualizado da música

Christopher Bochmann 73Reciclagem na Música como Ferramenta para a Criatividade: as Pedrinhas de Arronches
e um modelo para atividade de sala de aula*Eduardo Lopes*
Rui Quintas 87

As disciplinas de Formação Musical do ensino especializado e de Educação Musical do ensino geral em tempos de pandemia: partilhas e balanços a partir de um estudo da APEM

Manuela Encarnação

manuela.encarnacao@apem.org.pt

Maria Helena Vieira

m.helenavieira@ie.uminho.pt

Resumo

Este artigo apresenta os resultados de um estudo exploratório desenvolvido pela APEM sobre os impactos da pandemia no exercício profissional dos professores das disciplinas de Formação Musical do ensino artístico especializado e de Educação Musical do ensino geral. Os objetivos deste estudo foram: realizar um primeiro levantamento das estratégias de adaptação destes professores às dificuldades de comunicação à distância criadas pela pandemia, descrever essas estratégias e apresentar um balanço das perspetivas dos professores sobre práticas pedagógicas consideradas positivas e de desejável aplicabilidade futura. A metodologia de investigação foi qualitativa tendo recorrido à técnica de entrevista focal aos dois grupos de professores através de videoconferência. O estudo permitiu concluir que, apesar do ensino presencial continuar a ser preferido e considerado insubstituível, e apesar das dificuldades de adaptação às novas formas de comunicação à distância, existem algumas dimensões dessa comunicação que os professores consideram positivas e a valorizar no futuro.

Palavras-chave: Pandemia; Ensino de música; Formação Musical; Educação Musical; Ensino à distância.

Introdução

No dia 13 de março de 2020, através do Decreto-Lei n.º 10-A/2020, o Governo português aprovou um conjunto de medidas excecionais e temporárias relativas à situação epidemiológica da doença COVID-19, entre as quais a suspensão de atividades letivas e não letivas presenciais, com a adoção de um regime de ensino à distância, em todos os estabelecimentos, níveis e modalidades de ensino. Esta decisão surgiu na sequência da emergência de saúde pública internacional declarada pela Organização Mundial de Saúde em janeiro de 2020 e a subsequente classificação do vírus como pandemia em março do mesmo ano.

De uma sexta para uma segunda-feira, as escolas e os professores tiveram que organizar todo um novo formato de ensino e aprendizagem. Chamou-se ensino à distância, mas de facto não o devemos

assim etiquetar (Hodges, C., Moore, S., Lockee, B., Trust, T. & Bond, A., 2020) sendo o melhor termo, “ensino remoto de emergência”. Isto porque se centrou nas atividades de ensino e numa quase replicação do ensino presencial para o remoto, não sendo estas as características do ensino à distância. No entanto, impôs-se e houve que experimentar e selecionar ferramentas digitais de comunicação (plataformas e aplicações) para o efeito. O primeiro problema que surgiu foi a falta de meios informáticos e de conectividade da totalidade dos alunos, o que se tornou no impedimento maior para a concretização deste novo modelo educativo, levantando-se questões de equidade, para além das de segurança e proteção de dados que, simultaneamente, se colocaram.

A relação do ensino da música com o uso de tecnologias é uma realidade que já vinha dando alguns passos anteriormente. A esse propósito, consulte-se o artigo de Sandra Gomes Fernandes (Fernandes, 2014) no qual é apresentada uma “revisão integrativa de investigações realizadas no Brasil e em Portugal” no que concerne à utilização das tecnologias no ensino da música. Porém, o que a pandemia trouxe, como explicamos, foi um acelerar da busca de soluções rápidas para uma transposição mais imediata da realidade do ensino presencial para o ensino à distância, no contexto da pandemia. O que neste artigo se pretende apresentar é um primeiro levantamento e uma avaliação exploratória dessas soluções no contexto português a partir de entrevistas a professores de música do ensino geral e do ensino especializado.

A APEM foi tendo *feedback* informal de vários professores do ensino geral (doravante designado por EG) e do ensino especializado da música (doravante designado por EE) sobre a gestão desta reorganização, pelo que considerou e concretizou a criação no seu site de uma página de recursos web gratuitos para apoio aos processos de ensino e aprendizagem musical.

A não reabertura das escolas até ao final do ano letivo 2019/2020 gerou uma grande procura de formação nas áreas do ensino à distância por parte dos professores, paralelamente aos esforços de estabilização dos meios e processos de ensino nesta modalidade durante o 3º período escolar, de abril a junho.

Neste quadro, no final do ano letivo passado, para além de ter organizado ações de formação no âmbito das tecnologias no ensino da música, a APEM considerou fundamental uma recolha de informação mais específica, tendo procedido junto dos professores de música um levantamento de dados sobre o funcionamento de algumas disciplinas do ensino geral e do ensino especializado, mais precisamente duas disciplinas de funcionamento coletivo, uma do EG (Educação Musical do 5º e 6º anos de escolaridade) e outra do EE de música (Formação Musical). Assim, organizaram-se duas reuniões por videoconferência, uma com professores de Educação Musical e outra com professores de Formação Musical, com o objetivo de realizar dois grupos de foco para recolher informação que nos possibilitasse fazer um balanço sobre o que aconteceu em termos de ensino e aprendizagem musical nestas disciplinas.

Metodologia

Para a organização destes grupos de foco os intervenientes foram selecionados (em função da sua disponibilidade) por critérios de conveniência, a saber: pertencerem a escolas da rede pública do EG ou EE (por estas terem princípios organizativos e de funcionamento similares nos dois ramos de ensino); lecionarem uma disciplina coletiva (por ser do conhecimento comum que é nas disciplinas coletivas que o ensino à distância apresenta mais desafios); cumprirem o rácio previsto de um professor representante por escola contactada (de forma a obter um panorama mais completo da rede escolar nacional e a cobrir as principais áreas geográficas do país - Norte, Centro, Sul, Açores e Madeira).

¹ <https://apem.org.pt/apoio-ao-professor/recursos-web/>

A todos os professores convidados, tanto do EE como do EG, foi enviado previamente um email com o guião de três temáticas a tratar e o modo de organização das reuniões dos grupos de foco, de duas horas de duração.

O guião dos grupos de foco, o mesmo para os dois grupos, foi o seguinte:

I parte - Adaptação ao ensino à distância

- a) A adaptação ao ensino à distância: processos, decisões e balanços
- b) Ferramentas digitais de comunicação (plataformas utilizadas e outras aplicações)
- c) Gestão da comunicação síncrona e assíncrona
- d) Percentagem dos seus alunos que acompanharam com regularidade as aulas de Formação Musical e Educação Musical à distância

II parte - Práticas pedagógicas

Práticas pedagógicas, estratégias adotadas, práticas de avaliação: o que se alterou neste contexto nos domínios da experimentação e criação (composição), interpretação e comunicação (interpretação) e apropriação e reflexão (audição)?

III parte – Balanços positivos

O que vai ficar de positivo desta experiência para o próximo ano letivo (ferramentas tecnológicas, práticas pedagógicas, formas de comunicação, avaliações, etc.)?

Esta iniciativa foi bem recebida por todos os professores convidados por representar uma oportunidade de se poder partilhar e refletir conjuntamente entre profissionais que poucas vezes têm possibilidade de se juntar, até mesmo dentro da própria escola, dado o isolamento profissional em salas de aula ser mencionado como sendo uma característica vivida ao longo da história destas disciplinas.

Partimos, assim, todos, muito motivados, curiosos e expectantes para estes dois encontros que se realizaram nos dias 6 e 13 de julho de 2020, através da aplicação de videoconferência Zoom da APEM.

Do ensino artístico especializado participaram doze professores de Formação Musical (um deles, de Instrumento, em representação do colega de Formação Musical) de doze escolas públicas especializadas: Conservatórios de Braga, Porto, Aveiro, Coimbra, Lisboa, Loulé, Funchal e Ponta Delgada, Instituto Gregoriano, Agrupamento de Escolas Luís António Verney, Agrupamento de Escolas de Vialonga e Agrupamento de Escolas da Bemposta. Não participaram professores de apenas duas escolas especializadas da rede pública nacional (Horta e Angra do Heroísmo).

Estiveram presentes quinze professores de Educação Musical de escolas do ensino geral da música de treze concelhos diferentes e dos arquipélagos: Bragança, Viana do Castelo, Porto, Abrantes, Odivelas, Amadora, Sintra, Almada, Mértola, Beja, Portimão, Funchal e Ponta Delgada.

Resultados do grupo de foco do Ensino Artístico Especializado de Música

A excecionalidade do momento vivido trouxe sentimentos ambíguos para os professores. Por um lado, colocou a descoberto as fragilidades do sistema e das estruturas familiares e, por outro lado, ofereceu a possibilidade de olhar os alunos de outro prisma. Os resultados obtidos através do grupo de foco no âmbito das três temáticas do guião, foram os seguintes:

I parte - Adaptação ao ensino à distância

a) A adaptação ao ensino à distância: processos, decisões e balanços

As preocupações iniciais de todos os professores e das suas escolas centraram-se no levantamento de necessidades básicas para a criação de condições para o ensino à distância. Foram feitos contactos com as autarquias e outras entidades locais para a possibilidade de empréstimo de material informático e criados emails institucionais para professores e alunos. Na organização interna das escolas foi necessário reformular manchas horárias de professores e alunos. Relativamente às práticas pedagógicas foram criadas tutorias e/ou equipas de apoio pedagógico para o acompanhamento do processo ensino-aprendizagem. Foi referida uma muito maior diversidade nas estratégias aplicadas e utilização de plataformas por parte dos professores, face à sua experiência anterior. Foi construído material pedagógico para partilha na *drive* e foi feito um levantamento de *sites* de treino auditivo para poder ser usado por alunos.

b) Ferramentas digitais utilizadas e outras aplicações

De um modo geral, os professores puderam inicialmente escolher as ferramentas digitais de comunicação a utilizar. Numa segunda fase, houve uma certa uniformização centrada pelas direções de algumas escolas, de forma a que os alunos e famílias não se dispersassem na utilização de diferentes recursos.

As ferramentas digitais de apoio ao ensino à distância foram:

- Zoom
- SGE (Sistema de Gestão Escolar criado pelo Ministério da Educação)
- E-mail, Office 365 (Microsoft Teams)
- WhatsApp
- Messenger
- Google Suite, Google Classroom, Drive, Meet, Chat e Calendar
- EarMaster
- Cantar Mais

Importante sublinhar que a autonomia dos alunos determinou o formato da aula e as ferramentas utilizadas. Houve sempre, por parte das escolas, um esforço de inclusão da participação de todos os alunos nas atividades em curso (de forma a garantir equidade de acesso ao conhecimento), por vezes com o apoio das autarquias. No entanto, como referido, nem sempre foi possível chegar a todos.

c) Gestão da comunicação síncrona e assíncrona

De uma forma geral, as aulas síncronas tiveram a duração de 45 minutos, acrescentando atividades em modo assíncrono. Nalguns casos, dividiram-se as turmas em dois grupos, organizados em dois tempos de aula, para uma melhor gestão do trabalho, em particular nas situações em que já existiam dois professores de formação musical para a mesma turma. As durações apresentadas para a carga letiva semanal, originalmente de 45 minutos, foram diminuídas (por ex., ao nível do curso de Iniciação: Instrumento: 20' e Iniciação Musical: 15'; no curso Básico: Instrumento: 30' e Formação Musical: 30'). Ainda ao nível da Iniciação Musical, as tarefas planificadas foram maioritariamente assíncronas, dada a pouca autonomia digital dos alunos e devido ao facto de o trabalho poder ser mais individualizado. A não realização dos trabalhos implicou sempre a comunicação aos encarregados de educação. O *feedback* aos alunos relativa-

mente aos seus trabalhos foi sendo dado através de várias ferramentas, principalmente através do Google Classroom, por E-mail e por Whatsapp.

Relativamente à participação dos alunos, os números diferenciam-se. Enquanto na Iniciação Musical foi referido que de início estavam 100% dos alunos, com o passar das semanas ressentiu-se o cansaço e o retorno terá ficado nos 95%. Já na Formação Musical os níveis de participação dos alunos flutuaram entre os 70% e os 100%.

II parte – Práticas pedagógicas

- Nalgumas escolas o trabalho síncrono e assíncrono foi distribuído com pesos diferentes, conforme a realidade de cada uma. Em alguns casos, as aulas síncronas serviram para esclarecer dúvidas e os tempos de distribuição das mesmas foram sendo adaptados e ajustados à realidade.
- Houve um esforço em garantir a equidade entre os alunos. Nalguns casos, quando foram detetadas assimetrias, como não ter internet e e-mail, não se realizaram as aulas síncronas.
- O nível de autonomia diferenciado dos alunos condicionou as práticas: para os mais novos, as aulas síncronas foram um apoio muito importante para a realização dos conteúdos; já os mais velhos tiveram mais à vontade no conjunto de trabalho síncrono/assíncrono.
- A divisão das turmas em grupos menores diminuiu o tempo de aula síncrona e permitiu maior pormenor e cuidado no trabalho realizado com os alunos.
- A partilha de écran no Zoom funcionou como o quadro da sala de aula: projeção de exercícios, partituras ou outros suportes, permitiu trabalhar a entoação de intervalos, graus da escala, acordes, leituras melódicas, rítmicas, etc.
- O trabalho auditivo foi um ponto forte na realização das aulas síncronas.
- O trabalho realizado nos dois modos síncrono e assíncrono modificou as estratégias que se aplicaram nas aulas online, que foram complementadas pelas atividades propostas no Google Classroom de forma a rentabilizar o trabalho de uma forma global.
- Os professores construíram materiais pedagógicos, editaram, gravaram vídeos demonstrativos e fizeram gravações de correção.
- Os alunos gravaram exercícios propostos em trabalho assíncrono e também a partir da aula online.
- Os professores procuraram garantir que os alunos tivessem metas e experiências de aprendizagem equivalentes. Os alunos receberam uma meta clara de aprendizagem semanal, que contemplava o plano de sessões síncronas e assíncronas, assim como conteúdos, tarefas e materiais.
- Os professores recorreram a sites de treino auditivo disponíveis na internet, como Ear Master
- Os trabalhos semanais foram realizados com recurso à ferramenta Google Classroom.
- Os professores recorreram também à utilização de ferramentas de realização de formulários online (Google Forms, Quizzes e Kahoot)
- Promoveram o visionamento reflexivo de filmes de temática ligada à música, adaptaram vídeos de jogos de reprodução de padrões rítmicos, realizaram atividades assíncronas com recurso a vídeos e áudios.
- Os professores realizaram atividades de análise auditiva, audição comparativa, contextualização de obras, pesquisa, crítica musical.
- Autoavaliação por parte dos alunos realizou-se através das gravações sobre os exercícios propostos o que se revelou essencial para a construção de autonomia.

III parte – Balanços positivos

O que vai ficar de positivo desta experiência para o próximo ano letivo (ferramentas tecnológicas, práticas pedagógicas, formas de comunicação, avaliações, etc.)?

Os aspetos que os professores do EE mencionaram tencionar vir a trabalhar no futuro, como resultado das mudanças trazidas pela pandemia, podem apresentar-se na seguinte lista:

- Fazer uma revisão dos modelos de funcionamento das aulas: presencial, online ou misto.
- Utilizar o Google Classroom para gerir o trabalho e material de cada turma.
- Capacitar-se tecnologicamente de modo a gerar mais autonomia para os alunos.
- Capacitar tecnologicamente os alunos logo no início do ano letivo de forma a poderem usufruir das diversas funcionalidades tecnológicas.
- Manter o e-mail institucional criado durante a pandemia para todos os alunos.
- Tonar obrigatória a utilização da câmara ligada nas aulas síncronas online.
- Pomover encontros de professores por via digital por forma a encurtar distâncias.
- Encurtar o tempo curricular presencial dos alunos por forma a diminuir a sua carga letiva.
- Aproveitando a utilização das tecnologias para continuar o trabalho musical mais individualizado,
- Usar instrumentos/ferramentas tecnológicas, por exemplo, as aplicações Teoria.com e Ear training.
- Criar centros de recursos.
- Partilhar informações e ideias.
- Trabalhar em rede / Utilizar a rede da APEM.
- Utilizar material de apoio – digital e auditivo.
- Defender e lutar por um programa de Formação Musical a nível nacional.
- Fomentar outros formatos de comunicação à distância.
- Ter menos receio de usar a tecnologia.
- Refletir e reatar valores – trabalho cooperativo e partilha de materiais.
- Recorrer ao ensino misto – parte presencial mais reduzida.
- Rever critérios de avaliação.
- Valorizar a avaliação formativa.

Resultados do grupo de foco de Educação Musical no Ensino Geral da Música

I parte - Adaptação ao ensino à distância

- a) A adaptação ao ensino à distância: processos, decisões e balanços

Todos os professores referiram que a adaptação ao ensino à distância teve que ser muito rápida, com a agravante de na maioria das escolas os professores de música serem muito poucos – muitas vezes apenas um - e sentirem-se pouco apoiados na sua própria área de ensino. A primeira preocupação dos professores foi garantir um meio de comunicação com os alunos: foram criados endereços institucionais de e-mail.

Algumas escolas revelaram-se muito mais organizadas do que outras logo de início, nomeadamente as que já estão a trabalhar em flexibilidade curricular. A diversidade de equipamento no início do pro-

cesso foi de gestão complicada, mas numa fase posterior a uniformização das plataformas para todos os alunos das escolas criou uma maior estabilidade. Várias escolas constituíram uma Equipa de Apoio Pedagógico e Tecnológico para a operacionalização de todo o sistema de ensino à distância.

Inicialmente, nem todos os alunos tinham acesso a equipamentos, pelo que o apoio das associações de encarregados de educação e autarquias nalguns casos foi essencial, ainda que tardio. Ainda assim, a utilização de documentação em papel foi também uma realidade para assegurar a comunicações entre alunos e professores. De um modo geral, os alunos revelaram grande vontade de comunicar, pelo que o telemóvel também se revelou uma ferramenta útil.

Foi mencionada a necessidade de equilíbrio entre o desenvolvimento dos conteúdos da disciplina e a não desmotivação dos alunos (ou seja, não exigir demasiadas atividades), tendo todos sublinhado que as atividades práticas foram muito prejudicadas. Na fase final do ano letivo, professores e alunos já estavam mais à vontade no ensino à distância, mas alguns consideraram-no desmotivador tanto para eles próprios como para os alunos. Foi referido um grupo de alunos com necessidades educativas especiais e com apenas atividades assíncronas onde nunca houve retorno dos alunos.

b) Ferramentas digitais de comunicação utilizadas e outras aplicações

- Escola Virtual
- Google Classroom, Google Meet, Padlet.
- Telefone/telemóvel (para situações sem acesso a internet)
- Zoom
- Teams
- Jitsi
- WhatsApp
- Facebook
- Site com jogos musicais on-line (Kahoot, Incredibox)
- Plataforma Cantar Mais
- Youtube para visualização/estudo das canções com voz guia, publicação da canção da Escola
- Programa #EstudoEmCasa - RTP

c) Gestão da comunicação síncrona e assíncrona

A gestão da comunicação foi desigual de escola para escola. Nalguns casos foi decidido realizar aulas síncronas de sessenta minutos de quinze em quinze dias. Noutros casos, estabeleceu-se uma regularidade de dois contactos semanais, um deles síncrono e outro assíncrono. Na maior parte dos casos, o tempo síncrono variou trinta e quarenta e cinco minutos, sendo o assíncrono adaptado a cada aluno e às suas capacidades e autonomia.

Os professores procuraram regularizar o *feedback* dos trabalhos dos alunos não deixando nenhum sem comentários dos professores. Sempre que os professores não conseguiram contactar com os alunos em duas situações, foram contactados os encarregados de educação. Em algumas situações, os professores recorreram aos correios para fazer chegar materiais aos alunos.

Os professores consideraram que 90% dos alunos acompanharam com regularidade as atividades neste regime e acompanharam com regularidade as atividades e o trabalho global.

II parte – Práticas pedagógicas

- O trabalho foi maioritariamente assíncrono.
- A motivação dos alunos para as atividades a realizar à distância foi um aspecto muito relevante.
- O trabalho assíncrono foi maioritariamente estabelecido através da plataforma Google Classroom.
- Também foram enviadas tarefas com base em vídeos tutoriais e vídeo aulas.
- O trabalho assíncrono visou a realização de atividades nas dimensões de audição, interpretação e experimentação, sendo esta última mais reduzida.
- O *feedback* regular serviu para o encorajamento dos alunos e na supressão de dificuldades.
- Vários professores solicitaram aos alunos gravações para atividades práticas, nomeadamente produção musical/interpretação em flauta.
- Onde existiam as aulas de coro foram suspensas.
- O trabalho em projetos tornou-se mais fácil para articular atividades com colegas.
- De uma forma geral o tempo síncrono foi reduzido.
- O trabalho síncrono foi utilizado para esclarecimento de dúvidas e feedback de tarefas.
- O trabalho musical prático online foi significativamente difícil de realizar.
- Em muitos casos foi enviada uma ficha de trabalho semanal com diversos conteúdos.
- Os professores realizaram vídeos e apresentações (didáticas) explicativas de alguns conteúdos.
- Foi também bastante utilizada a Escola Virtual (Porto Editora).
- Não foram realizadas provas de avaliação, mas apenas avaliação formativa considerando o empenho e a dedicação dos alunos.
- Em muitas escolas o peso da avaliação sumativa no 3º período foi bastante reduzido, tendo sido mais valorizada a avaliação formativa.

III parte – Balanços positivos

O que vai ficar de positivo desta experiência para o próximo ano letivo (ferramentas tecnológicas, práticas pedagógicas, formas de comunicação, avaliações, etc.)?

Os aspetos que os professores do EG mencionaram tencionar vir a trabalhar no futuro, como resultado das mudanças trazidas pela pandemia, podem apresentar-se na seguinte lista:

- Usar ferramentas tecnológicas por exemplo, Google Classroom, que permitam novas formas de ensinar, tanto presencialmente como à distância, ou num modelo misto.
- Explorar recursos online para a criação, interpretação e reflexão musical.
- Considerar o trabalho do professor como orientador e facilitador da aprendizagem.
- Manter os e-mails institucionais criados durante a pandemia dos alunos e professores.
- Atenuar as diferenças no acesso aos equipamentos informáticos.
- Juntar esforços para melhorar a conectividade digital nas escolas.
- Criar atividades compatíveis com os equipamentos existentes muitas vezes já desatualizados.
- Considerar o sistema misto de aulas (presenciais e à distância).
- Planificar aulas assíncronas com materiais mais organizados, respeitando os diferentes ritmos de aprendizagem dos alunos, esclarecendo dúvidas, dando feedback e avaliando.
- Valorizar o trabalho por projetos.
- Colaborar mais entre colegas, partilhando trabalhos específicos.

- Criar uma lista de recursos web.
- Rever os critérios de avaliação e formas de avaliar em função dos modelos e estratégias de ensino.
- Gravar performances ou composições a solo para partilhar com todos.
- Assegurar que todos os alunos, logo no início do ano, saibam utilizar meios informáticos e digitais.
- Manter e desenvolver a utilização de recursos online para o ensino e a aprendizagem.
- Colocar a avaliação formativa no centro do processo de ensino e aprendizagem.
- Considerar a gravação como meio para a avaliação das aprendizagens.
- Criar estratégias para a possibilidade de utilização do telemóvel em aula como instrumento de aprendizagem.
- Refletir permanentemente sobre os processos de ensino e aprendizagem em grupo profissional.
- Desenvolver a modalidade assíncrona para o trabalho individual de reforço de aprendizagens.
- Valorizar e incrementar a comunicação assíncrona para alunos mais tímidos.
- Considerar a *gamificação* como estratégia de motivação na aprendizagem musical.
- Refletir e experimentar as possibilidades da *aula invertida* (flipp class): publicação antecipada das vídeo-aulas seguida de aula presencial para prática musical, audição orientada com debate e discussão em grupo.
- Aceder a formação contínua regular tanto no âmbito da utilização de tecnologias nos processos de ensino e aprendizagem como no desenvolvimento de projetos musicais.
- Rentabilizar o tempo de reuniões de escola na modalidade de tele trabalho.
- Refletir sobre a função e os critérios de organização, conteúdos e práticas do programa #EstudoEmCasa relativo à música.

Algumas conclusões

Do que observámos, a adaptação dos professores ao ensino não presencial e à alteração abrupta das suas rotinas educativas não foi muito diferente entre os grupos de foco, assim como as perspetivas que têm em relação aos aspetos positivos que poderão ficar no tempo pós-pandémico. Antes, são mais as convergências que se verificam, nomeadamente a referência, em ambos os grupos, da importância da manutenção de atividades assíncronas com recurso a ferramentas tecnológicas, entretanto experimentadas e a necessidade de uma maior reflexão sobre as práticas e as vantagens do trabalho colaborativo entre pares.

Todos os envolvidos referiram que o desafio de um tão súbito ajuste à nova realidade se traduziu em alterações verdadeiramente profundas nas suas rotinas e práticas, o que resultou numa desinquietação aos mais diversos níveis.

De uma modo geral, os professores consideraram muito plausível - e até desejável - um processo de mudança para um sistema misto de aulas presenciais e à distância, ainda que refiram a imprescindibilidade do ensino presencial. Considerando a interação presencial em sala de aula como fundamental para a vivência e aprendizagem musical, os professores atentam que esta estratégia seria uma forma de enriquecer o contexto presencial da sala de aula, na medida em que a utilização das ferramentas à distância permitiu incluir elementos que sentiram estarem até aqui mais ausentes, nomeadamente ao nível da adequação do percurso de aprendizagem às características de cada aluno.

“Música é comunicação e partilha. Por mais que se tentem encontrar alternativas digitais nada substitui

completamente o contexto presencial de uma sala de aula, o que lá se vive e o que se sente” (PEG10). Pode assim essa vivência musical presencial ser enriquecida e tornada até mais democrática quando os tempos de aprendizagem musical assíncrona se podem facilmente adequar às características de cada aluno, como tão referido pelos professores dos dois grupos de foco, e até revelar surpresas e excecionalidades que, sem meios tecnológicos e outra gestão do tempo, não aconteceria.

As circunstâncias que forçaram esta adaptação dos professores acabaram por tornar evidente a necessidade de atualização dos contextos escolares e de tornar o processo de transição digital das escolas endógeno, já que vieram precipitar a adaptação dos professores ao recurso a um conjunto de estratégias que, embora já disponíveis, não eram utilizadas na prática. A experiência tornou clara para a grande maioria dos professores de música dos dois grupos de foco a necessidade de mais formação, muito particularmente no que respeita ao uso de ferramentas tecnológicas.

Evidentemente, só com um grande investimento nas escolas, no sistema educativo como um todo articulado nas suas várias dimensões e muito concretamente nas escolas, com uma linha estratégica política bem definida, se pode concretizar e estabilizar uma verdadeira mudança nas práticas pedagógicas com benefícios para a educação musical que se conquistaram nestes tempos e que não se deviam desperdiçar.

É interessante verificar as ligeiras diferenças expressas entre cada grupo de foco, em relação a estratégias de ensino e aprendizagem musical: enquanto o grupo do EE sublinha a importância do treino musical quer auditivo, quer leitura, escrita e teoria, o grupo do EG foca as suas preocupações na interpretação e na experimentação. Um destes professores referiu ter sentido “uma evolução musical a nível de conhecimentos musicais como não costumo ter em sala, pois através da *gamificação* e de toda a estratégia que montei à volta, (os alunos) foram muito mais empenhados (PEG6). Um outro professor refere que “a área da experimentação e da criação pode ser uma das áreas mais interessantes a explorar num contexto não presencial” (PEG10).

Em suma, os professores de EE e EG realizaram um bom processo de adaptação às condições trazidas pela pandemia, passando de uma primeira fase mais intuitiva para a consciência da necessidade de uma estruturação mais consciente do ensino e da formação que para ele se exige. Estão também abertos a esta mudança paradigmática que está a ocorrer na relação professor aluno e que passa por incorporar muitos mais momentos de trabalho assíncrono e de atenção individualizada.

Referências

- Fernandes, S. G. & Coutinho, C. P. (2014). “Tecnologias no Ensino da Música: revisão integrativa de investigações realizadas no Brasil e em Portugal”. *Educação, Formação & Tecnologias* (julho-dezembro,2014), 7 (2), 94-109.
- Hodges, C., Moore, S., Lockee, B., Trust, T. & Bond. A. (2020). The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning. Acedido em <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning> a 25 de Outubro de 2020.